

Número de nascimentos cai 13% em quatro anos

Nascimentos têm queda de 13% no Brasil, mostra IBGE

Redução de 2018 para 2022 ocorre com pandemia, revelam dados; entre 40 e 49 anos, houve alta de 16,8%

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO O número de nascimentos no Brasil teve queda de 13% em 2022 ante 2018, indicam dados divulgados nesta sexta-feira (8) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Segundo o órgão, o país registrou 560 milhões de nascidos vivos em 2022, ante 2,94 milhões em 2018. Em termos absolutos, a redução foi de 383 mil. O patamar de 2022 é o menor de uma série histórica publicada pelo IBGE com estatísticas a partir de 2010 — a máxima do intervalo ocorreu em 2015 (3 milhões).

O instituto destacou o comparativo com 2018 porque, após esse ano, o ritmo de queda dos nascimentos teve aceleração no país. Um dos fatores apontados para a redução é o efeito da pandemia de Covid-19, que teria atrasado os planos de gravidez a partir de 2020.

Os dados divulgados nesta sexta também sinalizam que a queda dos nascimentos ocorreu principalmente entre as mães mais jovens. De 2018 para 2022, houve baixa dos nascidos vivos entre as mulheres de 10 a 19 anos (30,8%), de 20 a 29 anos (11,2%) e de 30 a 39 anos (10%).

No sentido contrário, o indicador cresceu entre as mães mais velhas, de 40 a 49 anos. Nesse grupo, os nascimentos registraram alta de 16,8% na comparação de 2022 com 2018. "A postergação da decisão de ter filhos para idades mais

avanzadas alinha-se à tendência de aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e ao aumento da escolarização", afirma o IBGE.

Os dados integram a terceira edição de uma síntese de indicadores sociais que impactam as mulheres. No caso do número de nascidos vivos, a fonte dos resultados é o Sinasc (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos), do Ministério da Saúde.

A divulgação da síntese pelo IBGE coincide nesta sexta com a celebração do Dia Internacional da Mulher.

Para a economista Carla Benini, professora da FGV (Fundação Getúlio Vargas), os dados divulgados nesta sexta são positivos, mas há ponderações. Primeiro, ela considera positiva a redução da natalidade entre mulheres mais jovens.

"Essa faixa, de 10 a 19 anos, sofre com a evasão escolar quando grávida. É um problema recorrente. Depois, [essas mães] ficam mais suscetíveis a fazer parte do grupo nem-nem [nem estuda, nem trabalha]", diz Benini.

Já a parcela de brasileiras que visa postergar a maternidade, explica a especialista, compõe um fenômeno internacional. "Mas é mais mulheres de todo o mundo preferem filhos em uma idade mais avançada para priorizar a carreira".

A tendência, porém, pode afetar o país no futuro, convida Benini. "Menos nascimentos pode significar uma desaceleração da economia. Isso

porque a população envelhece enquanto menor quantidade de pessoas chega ao mercado de trabalho", declara ela.

Os dados do IBGE confirmam ainda queda na incidência dos casamentos precoces. Em 2021, ano inicial dos registros da série histórica, o país teve 48,6 mil casos que envolveram garotas de até 17 anos. A comparação com 2021 (7 mil) indica uma redução de 65,1%. Entre os meninos, a baixa foi de 47,6%.

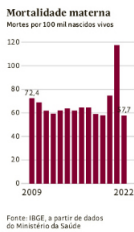
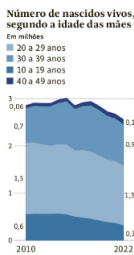
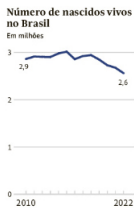
O instituto aponta ainda que essas uniões afetam mais a vida das meninas do que a dos meninos no Brasil.

Conforme o órgão, quase 17 mil casamentos civis envolveram cônjuges de até 17 anos do sexo feminino em 2021. O número corresponde a 1,8% do total de matrimônios registrados à época (932,5 mil).

No mesmo ano, o IBGE contabilizou 1.915 casamentos com a participação de cônjuges de até 17 anos do sexo masculino, o equivalente a 0,2% do total.

Segundo a legislação brasileira, o casamento civil só é permitido para pessoas a partir de 18 anos de idade e, excepcionalmente, de 16 e 17 anos, caso estas sejam emancipadas ou possuam autorização dos pais ou representantes legais.

Apesar da lei, os dados publicados pelo IBGE ainda apontam que, em 2021, o Brasil registrou 686 casamentos envolvendo meninas de menos de 16 anos e 452 de meninos da mesma faixa etária.



Fonte: IBGE, a partir de dados do Ministério da Saúde

Após dois anos em alta, mortalidade materna cai em 2022

Após dois anos em alta na pandemia, a razão de mortalidade materna teve queda no Brasil em 2022 e retornou ao patamar pré-crise, segundo dados divulgados nesta sexta-feira (8) pelo IBGE.

O indicador mede as mortes maternas obstétricas diretas e indiretas por 100 mil nascidos vivos, e o IBGE comparou os resultados com a meta global dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. A meta busca reduzir a razão a menos de 70 óbitos por 100 mil nascidos vivos até 2030.

Conforme o IBGE, o Brasil esteve abaixo desse patamar de 2010 até 2019, quando o indicador apontava 57,9 mortes maternas por 100 mil nascidos vivos. Com a pandemia, a razão subiu a 74,7 em 2020 e saltou a 117,4 em 2021.

Já em 2022, ano em que a vacinação contra a Covid-19 estava mais avançada, o indicador recuou a 57,7 mortes maternas por 100 mil nascidos vivos. Trata-se de um nível similar ao de 2019 (57,9).

"Nos anos [iniciais] da pandemia, a gente observou um acréscimo, esperado tanto em função da doença como em função da dificuldade de acesso ao pré-natal", afirmou Betina Fresnedo, analista de pesquisa do IBGE, em apresentação a jornalistas.

"Essa razão de mortalidade de volta, então, para patamares pré-pandêmicos em 2022", completou.

Outra análise já associou o aumento dos óbitos a efeitos da Covid-19 durante a crise sanitária. A morte materna é aquela que acontece durante a gestação, o parto ou o puerpério.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano Caderno: B Pagina: 2